



Boletim do **Venerável D. António Barroso**

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

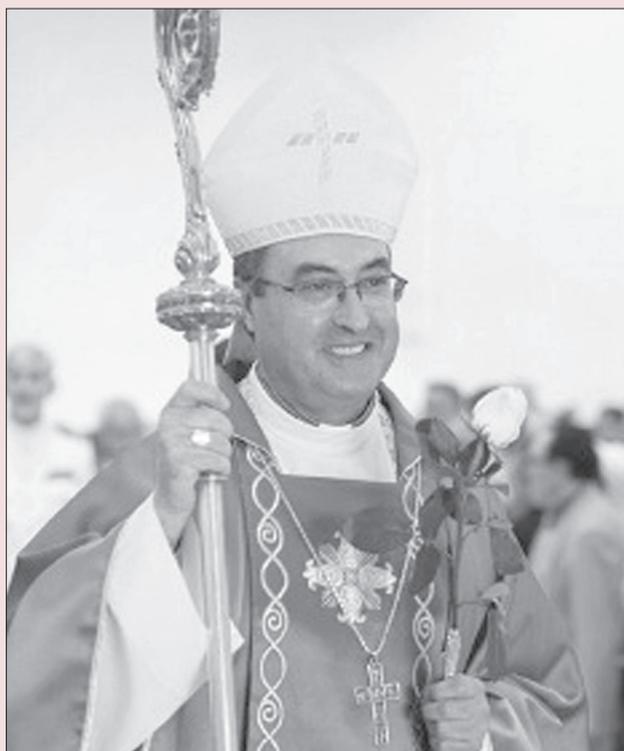
III Série

Ano VIII

N.º 22

Janeiro / Março de 2018

D. MANUEL DA SILVA LINDA SUCEDA A D. ANTÓNIO BARROSO NO ANO EM QUE SE COMEMORA O CENTENÁRIO DA SUA MORTE (31 DE AGOSTO DE 2018)



Em terras da Missão do Padre António Barroso **M'BANZA CONGO DECLARADA PATRIMÓNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE**



Por **Manuel Vilas Boas**

Foram 11 os arqueólogos, angolanos e estrangeiros, que levaram a cabo as escavações que haveriam de sustentar a Declaração da Unesco, inscrevendo, em Cracóvia, a 8 de Julho de 2017, M'Banza Congo, a histórica capital do reino do Congo, na lista do Património Mundial da Humanidade.

A cidade era desenterrada de um sono de mais de meio milénio para ser preservada com vistas à sua imortalidade. Assim se lia no projecto, apresentado na Unesco: “M'Banza Congo, cidade a desenterrar para preservar”. Artefactos e ossadas humanas foram os vestígios recolhidos para posterior análise nos laboratórios norte-americanos. Na cidade, dotada de grande beleza e porta aberta ao turismo, foram classificados alguns lugares-chave do centro histórico: Kulumbimbi, a antiga catedral, a árvore santa YalaNkuwu, a ancestralidade julgadora, o palácio real, hoje museu dos reis do Congo, o Lumbu, o tribunal consuetudinário e o cemitério dos reis do Congo.

Além desta primeira inscrição de Angola nas listas do Património Mundial da Unesco, são 33 os países africanos, inscritos em 89 sítios. Estão entre eles, Moçambique, com a Ilha de Moçambique, em 1991 e Cabo Verde, a Cidade Velha, na Ribeira Grande, em 2009.

PATRIMÓNIO ARRANCADO DA TERRA

Têm cor quente os edifícios erguidos nesta cidade do nordeste de Angola.

Foram construídos por artistas portugueses, com métodos europeus, em pedra ferruginosa. Daí a intensidade de cor que os caracteriza.

Capital política e espiritual do antigo reino do Congo – região onde hoje estão localizados o Gabão, a República do Congo, Angola e a República Democrática do Congo, - M'Banza Congo guarda as importantes tradições do Kongo e dos conflitos travados com a chegada dos portugueses e da religião católica, em finais do século XV.

Este reino, já no século XIII, formado por 144 tribos, influenciou parte substancial do continente africano. Foi deste reino, que partiu a maioria dos africanos escravizados rumo às américas. Foi daqui que saiu o primeiro embaixador africano, enterrado no Vaticano. Foi aqui, também, que foi erguida a primeira catedral da África Subariana pelos colonos portugueses.

A cidade de M'Banza Congo tem, hoje, mais de 70 mil habitantes. No século XVI foi baptizada pelos portugueses, com o nome de São Salvador do Congo. A cidade voltaria a chamar-se M'Banza Congo, após a independência de Angola, em 1975.

Quando os portugueses aqui chegaram ela já era uma vigorosa cidade. Foram erguidas edificações em pedra, incluindo o palácio do rei D. Afonso I, alguns conventos e igrejas.

Em 1630 fizeram-se aqui cerca de 5 mil baptismos, numa população de 100 mil habitantes. A cidade seria saqueada, várias vezes, durante as guerras civis, no século XVII. Durante o século XVIII regressou à normalidade para nunca mais ser abandonada.

João Paulo II esteve lá

Tão importante é este lugar para a história da evangelização que a Igreja angolana não prescindiu da presença do Papa João Paulo II em M'Banza Congo, durante a visita pastoral que realizou a Angola, de 4 a 10 de Junho de 1992 e quando se comemoravam os 500 anos do Encontro de culturas e da evangelização daquela antiga colónia portuguesa. Da passagem pelas ruínas da catedral de S. Salvador do Congo, no dia 8, ficaram palavras históricas, proferidas pelo papa polaco. Karol Wojtyła não esqueceu os caminhos difíceis da antiga diocese do Congo, aberta em 1569, de que foi testemunha da fé, entre outros, o rei D. Afonso I, “o maior missionário do seu povo”, como o designou o papa. A segunda evangelização, iniciada em 1866, haveria de contar com episódios dolorosos de expulsão de missionários



Ruínas da antiga Sé episcopal de São Salvador, à chegada do Padre António Barroso, em Fevereiro de 1881, e na actualidade. Esta Sé, designada Kulumbimbi, foi a primeira catedral da África Subsariana e foi também a sede da primeira Diocese da África Austral, quando o Papa Clemente VIII criou, em 1596, o Bispado de Angola e Congo.

A Missão de São Salvador do Congo foi fundada pelos portugueses em 1491. Em meados do séc. XVII, chegou a haver na área da Missão oito ou nove igrejas, além desta Catedral. À chegada do Padre António Barroso estavam todas em ruínas, como esta.

e a morte trágica do primeiro bispo desta diocese, D. Afonso Nteka, durante a guerra civil.

Foi por dentro desta designada segunda evangelização de Angola que teve lugar a missão do padre António Barroso, tendo sido, para isso, superior da missão de S. Salvador do Congo. Aqui chegado, o missionário de Remelhe depressa dá notícias, para a metrópole, do estado em que se encontravam as missões, cemitério de missionários e onde as igrejas sobravam em ruínas. É por estas terras que deixa um novo estilo de evangelização. Já não é a cruz e a espada, antes a cruz e a enxada, promessa de uma cristianização e de um desenvolvimento humano diferentes. É aqui que também o missionário Barroso estabelece os melhores contactos

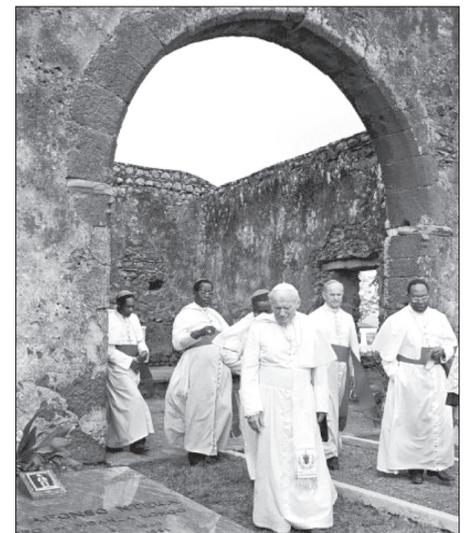
com o rei do Congo, a ponto de levar de visita a Portugal dois filhos e um sobrinho do monarca.

O milagre do telefone satélite

Durante a reportagem que realizei, em M'Banza Congo, para a TSF, sobre a visita papal a Angola, deparei-me, aqui, com um fenómeno estranho. Armadilhado com um telefone-satélite (o meio mais sofisticado para a época) verifiquei que o melhor lugar para transmissão era o próprio cemitério, onde estavam sepultados, entre outros, alguns dos missionários que trabalharam com o padre Barroso, vítimas de malária.

A energia ali produzida converteu-se no sinal mais amplo e perfeito de difusão da mensagem... no território que,

25 anos depois, haveria de ser declarado, pela Unesco, Património Mundial da Humanidade...



João Paulo II de visita a Kulumbimbi



Mbanza Congo, cidade dotada de grande beleza, é uma porta aberta ao turismo, como se refere no texto, Para aqui chegar, o Padre António Barroso teve de fazer 150 Km a pé, desde Nóqui. Chegou pelas 11.30 do dia 13 de Fevereiro de 1881. Portador de uma carta dada por D. Luís I, nos Paços da Ajuda, foi recebido pelo rei do Congo, D. Pedro V, na sua residência, logo à chegada. Residiam então na cidade cerca de 600 pessoas. Hoje vivem aqui mais de 70.000.

NA SENDA DE D. ANTÓNIO BARROSO

UM OLHAR SOBRE O ENSINO NA FREGUESIA DE REMELHE - BARCELOS

À memória do Prof. Doutor Manuel da Silva Costa

I - O ENSINO PRIMÁRIO. O Venerável D. António Barroso, nascido numa aldeia pobre onde muito poucos sabiam ler, quando foi missionário na África e no Oriente, deu sempre especial cuidado à instrução e à promoção humana das crianças e dos jovens. Neto de um mestre-escola, cedo se apercebeu da importância do ensino.

Na freguesia rural onde cresceu, a instrução era, como ainda é hoje em qualquer sociedade, o principal ascensor social para os filhos dos pobres. Mas era escasso o número dos que tinham acesso ao ensino, porque Remelhe não dispunha de escola primária, que só veio a ser criada quatro décadas depois. Para frequentar o ensino primário, o jovem António José Barroso deslocava-se à freguesia vizinha de Góios, ao cuidado de um professor particular, Domingos da Fonseca Martins, seu primo.

Naquela época, a freguesia de Remelhe tinha cerca de 130 famílias, as quais viviam quase exclusivamente da lavoura. Crianças, adultos e velhos mourejavam de sol a sol para as grandes casas – a de Torre de Moldes, a de Santiago e a de Santa Marinha – ou para as quintas importantes - a do Paranho, a do Hospital, a de Morais e a de Santo António. Salvo raras exceções, os senhores das terras não se preocupavam com a instrução do povo, porque viviam da mão de obra barata. Esta era, afinal, a situação que se constatava em quase todo o país, e era assim que mais de 75% dos portugueses eram analfabetos. E não é por acaso que, em Remelhe, como noutras freguesias do reino, a escola primária apareceu por iniciativa de um homem do povo, emigrante no Brasil - Domingos Gomes Ferreira da Costa.

I.1 - Domingos Gomes Ferreira da Costa. Um benemérito. Nascido no lugar da Quintão, em 28 de Dezembro de 1826, era neto paterno de Manuel Gomes, conhecido por Lapreiro, e emigrou cedo para o Brasil, onde faleceu, na cidade do Rio de Janeiro, em 1890. A avultada fortuna que, entretanto, granjeou, mereceu-lhe o título de Comendador, mas nunca esqueceu as suas origens, e sabendo, por experiência própria, que a falta de instrução era o principal entrave ao desenvolvimento das gentes nascidas no mundo rural, deixou em testamento uma importante verba para a construção da escola primária de Remelhe, que foi inaugurada em 1894, já após a sua morte. Era uma escola para os dois sexos e com habitação para os professores: «a melhor casa de escolas» do concelho de Barcelos, naquele tempo. (Vinham aqui estudar alunos de outras freguesias sem escola, dando origem ao conhecido e dúbio remoque: «quem é burro vai para Remelhe»).

Quem deu cumprimento à vontade deste amigo dos remelhenses foi o meio-irmão, onze anos mais novo, Manuel Gomes Ferreira da Costa, também nascido na Casa do Lapreiro. Também ele foi emigrante no Brasil, onde enriqueceu como comerciante e agente de transportes, mas regressou à terra, fixando-se em Barcelos, a tempo de dar cumprimento à vontade expressa pelo seu meio-irmão Domingos. Morreu, em 1911, no Campo de S. José, onde residia.

Domingos Gomes Ferreira da Costa foi, sem dúvida, o remelhense que, até hoje, mais deu para o desenvolvimento da sua terra, e a freguesia tem para com ele uma enorme dívida de gratidão.



A Escola Primária de Remelhe, inaugurada em 1894, actualmente adaptada a Sede da Junta de Freguesia, deve-se à iniciativa de Domingos Gomes Ferreira da Costa, emigrante no Brasil, que a pagou. À direita, um grupo de seminaristas que frequentavam o Seminário de Tomar, no ano de 1963. Entre eles, estão seis barcelenses, incluindo dois naturais de Remelhe: João Ferreira de Araújo e António Araújo Torres, que amavelmente cedeu a foto.



Os Seminários de Tomar (no Convento de Cristo, em cima, à esquerda), de Cernache do Bonjardim (em cima, à direita) e de Cucujães, onde, durante o século XX perto de uma centena de barcelenses receberam formação. Nestes Seminários da Sociedade Missionária da Boa Nova, 27 naturais de Remelhe iniciaram os caminhos que vieram a trilhar na vida.



Mozambique, Nampula, 22 de Fevereiro de 1972. Cinco remelhenses ao serviço das Missões. Da esquerda para a direita: António da Silva Costa, Joaquim Faria Simões, Manuel da Silva Costa, Manuel António Brito Ferreira e Amadeu Gomes de Araújo. Os quatro primeiros eram sacerdotes.

2 - ENSINO SECUNDÁRIO. O EXEMPLO DE D. ANTÓNIO BARROSO.

Em 1966 foi criada em Barcelos uma secção mista do Liceu Nacional Sá de Miranda, de Braga, e em 1971 a cidade passou a dispor de um Liceu Nacional. Até esta tomada de decisão, os jovens do vasto concelho, de recursos modestos e limitados não tinham acesso ao ensino secundário. De facto, no século XX, até à tardia criação do liceu, os remelhenses que concluíam a 4.^a classe tinham pela frente duas saídas: ou iam parar à lavoura, como os pais, ou atiravam-se para longe da terra, indo trabalhar como serviçais em lojecas ou em cafés. O escape da emigração veio depois, nos anos sessenta.

Viveram-se décadas de inércia e de torpor, mas o exemplo de D. António Barroso, que foi capaz de saltar do marasmo em que nasceu, funcionou sempre como uma referência de libertação. E foram as celebrações do centenário do seu nascimento, em 1954, que vieram despertar em muitos adolescentes o interesse por um futuro melhor. Diversas famílias aperceberam-se de que os filhos podiam fugir à ignorância e à mediocridade, bastando, para tanto, candidatarem-se ao seminário, como D. António fizera, e seguir o seu trajecto. No Portugal pobre e rural da primeira metade do século XX, aparte alguns entraves no início da República, os seminários eram as grandes escolas secundárias a que o povo tinha acesso; funcionavam em regime de internato e praticavam propinas ao alcance das bolsas da província; na prática, eram os colégios das famílias remediadas que não conseguiam aceder aos liceus, quase todos localizados nas capitais de distrito.

De facto, as celebrações de 1954 tiveram um impacto significativo na cidade e no concelho de Barcelos, e foram um pequeno trovão na noite remelhense. Um Padre da Sociedade Missionária da Boa Nova, então designada Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, o Pe. Carlos Martins Soares, conhecido como “Tio Missionário”, passou a visitar anualmente a freguesia de Remelhe, lembrando às famílias e às crianças que a instituição onde estudara D. António Barroso continuava pronta a acolher e a formar jovens para as Missões do Ultramar.

2.1 - Os Seminaristas de Remelhe. Quem eram. Entre os anos de 1925 e 1976, estudaram nos Seminários da Sociedade Missionária da Boa Nova, 86 alunos naturais do concelho de Barcelos, 12 dos quais foram ordenados Padres. Destes 86, cerca de um terço eram remelhenses. De facto, 27 naturais da freguesia de Remelhe frequentaram, por mais ou menos tempo, os Seminários da Sociedade Missionária, instituição planeada por D. António Barroso. O primeiro foi MANUEL GOMES FERNANDES, conhecido como Manuel Varziela, do lugar da Quintão, actualmente a residir em França. Entrou no Seminário das Missões de TOMAR, em 1948. Seguiram-se ANTÓNIO DA SILVA COSTA que ingressou no mesmo Seminário de TOMAR, em 1950, MANUEL DA SILVA COSTA (TOMAR - 1952), ANTÓNIO SIMÕES MONTEIRO, JOSÉ DA SILVA COSTA e TORCATO MARTINS PENEDOS (TOMAR - 1953). Neste ano de 1953 ingressou no Seminário das Missões de CUCUJÃES, mas para receber formação como Irmão Leigo, JOAQUIM DA COSTA SIMÕES. Seguiram-se, no ano imediato, ANTÓNIO JOSÉ CARDOSO SOUSA BARROSO, JOAQUIM FARIA SIMÕES e MANUEL ANTÓNIO BRITO FERREIRA (TOMAR - 1956), JOÃO DA CRUZ GOMES (TOMAR - 1957), AMADEU GOMES DE ARAÚJO e MÁRIO FONSECA DE BRITO (TOMAR - 1958), JOÃO FERREIRA DA COSTA (TOMAR - 1959), JOSÉ ESTEVES DA SILVA (TOMAR - 1960), MANUEL AVELINO LOPES DE BRITO (TOMAR - 1961), ANTÓNIO ARAÚJO TORRES e JOÃO FERREIRA ARAÚJO (TOMAR -

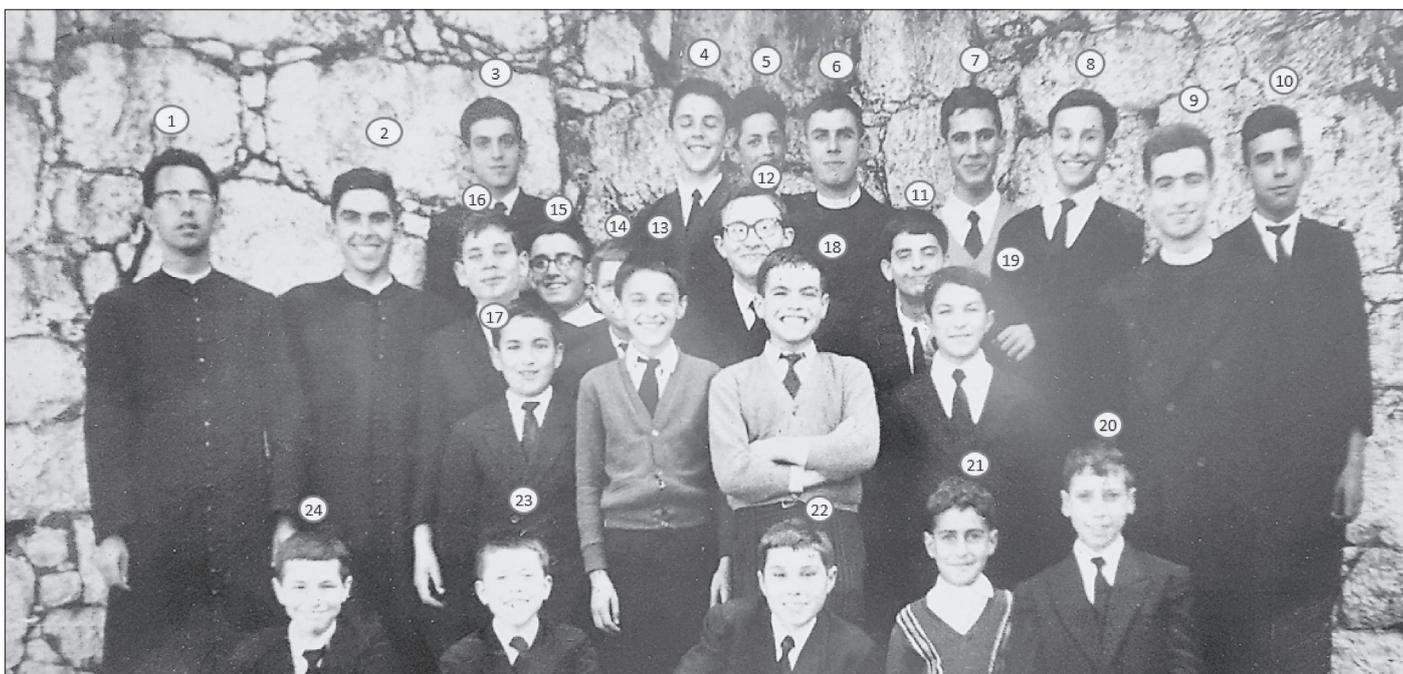
1962), MANUEL CAMPINHO FERROS e MANUEL RIBEIRO FERNANDES (1963), EDUARDO ISIDRO TORRE ESTEVES e JOSÉ RIBEIRO FERNANDES (CUCUJÃES, 1964), MANUEL SILVA BOUÇAS (TOMAR - 1965), FRANCISCO SOUSA CARVALHO (TOMAR - 1966), ISIDRO GOMES DE ARAÚJO e MANUEL CARVALHO MATOS (TOMAR, 1967), JOSÉ DUARTE GOMES DE ARAÚJO (CERNACHE DO BONJARDIM, 1972), sendo este o último que frequentou um Seminário da Sociedade Missionária da Boa Nova. São em número significativo, como se observa, os remelhenses que iniciaram nesta instituição os caminhos que vieram a trilhar na vida.

3 - EM JEITO DE CONCLUSÃO, podemos afirmar que Domingos Gomes Ferreira da Costa e a Sociedade Missionária da Boa Nova são referências maiores a reter quando se fizer a história do ensino em Remelhe.

Nota - Será de recordar também que, nos anos difíceis que se seguiram à segunda guerra mundial, muitos naturais do concelho de Barcelos, incluindo vários remelhenses, encontraram emprego nas quintas dos Seminários (CERNACHE DO BONJARDIM e CUCUJÃES), e outros ali trabalharam como ajudantes de cozinha e copeiros (CUCUJÃES).

Carcavelos, 9 de Março de 2018

Amadeu Gomes de Araújo



Encontro de seminaristas barcelenses em Pereira, no Verão de 1962: 1- Joaquim da Silva Pinto (Pereira) 2- António da Silva Costa (Remelhe) 3- José Gomes Campinho (Pereira) 4- João Ferreira da Costa (Remelhe. Falecido) 5- Amadeu Gomes de Araújo (Remelhe) 6- Manuel da Silva Costa (Remelhe. Falecido) 7- Joaquim Faria Simões (Remelhe) 8- José da Silva Pinto (Pereira) 9- António Luís da Silva Martins (Alvelos) 10- Manuel Ferreira Azevedo (Macieira) 11- Joaquim Martins da Costa (Alvelos) Adelino Fernandes Simões (Alvelos) 13- Américo de Araújo Ferreira (Gual) 14- Licínio Manuel Silva (Gual) 15- Manuel António Brito Ferreira (Remelhe) 16- Manuel Carneiro Soares (Carvalhas) 17- Manuel Avelino Lopes Brito (Remelhe) 18- Manuel Amândio Alves Vilas Boas (Góios) 19- Joaquim Ferreira de Araújo (Macieira) 20- Fernando Fernandes Boucinha (Pereira) 21- Manuel Brás (Pereira. Falecido) 22- José Fernandes Simões (Alvelos. Falecido) 23- Manuel Monteiro Gonçalves (Alvelos) 24- José António Martins (Alvelos). Agradecemos a gentileza do Professor José Gomes Campinho que cedeu a imagem.

D. ANTÓNIO PASSOU PELA VIDA DEIXANDO UM RASTO DE LUZ



Testemunho de

Francisco Trigueiros . *Professor, licenciado em História*

Falar sobre D. António Barroso? Muito me enaltece esta honra.

Desde menino, com conversas que tive com a sua sobrinha D^a Violante Barroso e seu irmão, Prof. António Barroso (meu padrinho), fui tendo a curiosidade de estudar tão prestigiada personagem.

D. António é de facto um bispo exemplar da Igreja Católica, de arraigados princípios, filiados numa educação rude e austera e que Remelhe teve a honra de trazer à luz do dia.

D. António é o padre que prega, que reza, que trabalha mas que também protesta face às infundáveis dificuldade e até injustiças que durante a vida sentiu no Ultramar e na Metrópole, sempre com os olhos na Pátria, que sempre enaltece.

É todo um espírito minhoto, toda uma alma nortenha timbrada de por uma educação secular, que sempre zelou ao longo da sua curta vida.

Termino com algumas palavras do nosso ilustre conterrâneo, o saudoso Monsenhor Alberto da Rocha Martins, em 1954: “D. António passou pela terra deixando atrás de si um rasto de luz e entrou na Glória projetando para sempre o clarão de um exemplo”.

TESTAMENTO DE D. ANTÓNIO BARROSO. EXCERTOS

Porque estamos no centenário da morte de D. António Barroso, recordamos alguns extractos do seu testamento, de 19 de Fevereiro de 1917. Nunca foi publicado, por expressa vontade sua, embora tenha escrito que «poderá ser conhecido de toda a gente»:

«Nasci pobre, rico não vivi, e pobre quero morrer, em obediência e acatamento às sábias leis da Santa Igreja Católica. Por isso, e salva a liturgia, quero que o meu funeral seja o mais pobre possível. Em exéquias que me façam, não quero elogio fúnebre, consentindo-o apenas nas da Catedral desta minha Diocese do Porto, sob a condição de versar sobre as tremendas responsabilidades do sacerdócio e do Episcopado, visto o púlpito não ser para louvores, mas, sim, para ensino.»

«Os poucos bens móveis e imóveis que possui na freguesia de Remelhe, concelho de Barcelos, lego-os a meus sobrinhos Maria Violante e Abílio; não por merecerem mais que os outros seus irmãos, mas por me terem custado menos em dispêndio de educação, ou antes, por não a terem recebido, ficando por isso em condições menos favoráveis de lutarem pela vida. Aos mesmos fica pertencendo tudo o que existir na minha casa de Remelhe, com excepção dos livros, que para nada lhes servem. Ficam, porém, onerados com a obrigação de, nessa casa, darem habitação a seus pais, e zelarem-nos até à sua morte.»

Ao meu irmão Manuel e à minha cunhada Angelina lego a quantia de cem escudos, cinquenta para cada um, se forem vivos à data do meu falecimento; e aos pobres da freguesia da minha naturalidade trinta escudos, para serem distribuídos em esmolos em seguida ao meu enterro.»

Lego ao Município de Barcelos a minha pobre colecção de moedas, como base de uma mais ampla colecção, que o mesmo Município constitua, com a obrigação de ser exposta. É o que posso oferecer à minha querida terra; e se esta a não aceitar, será para o Museu da Biblioteca do Porto.»

«Declaro também que, desde a proclamação da República, nada gastei comigo, nem com a minha família, que é pobre, à custa da Diocese; vivi, sim, à custa de uma quotização que generosos diocesanos quiseram abrir com aquele fim. Bem ou mal, servi de graça a Diocese, e tenho, com fervor, pedido ao Supremo Pastor das almas que dê a esta porção do Seu rebanho, como sucessor meu, Prelado com mais luzes, mais zelo e mais virtude.»



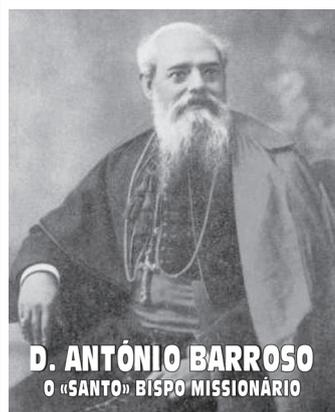


Conheça o
Venerável D. António Barroso
leia
www.domantoniobarroso.pt

PRÓXIMO BOLETIM. UM TESTEMUNHO INÉDITO

D. António Barroso nas memórias da Condessa de Vila Flor

por **António Júlio Limpo Trigueiros, sj**



O Padre Januário Aniceto dos Santos acaba de dar uma prenda de Páscoa aos amigos e admiradores de D. António Barroso, publicando uma breve biografia ilustrada sobre o “santo” bispo missionário. Desenhos de Agonia Sampaio. À venda na Editorial Missões. www.editorialmissoes.boanova.pt Tel. 256 899 170



O melhor sepulcro dos mortos é o coração agradecido dos vivos

Gratidão e flores para **D. Manuel da Silva Martins**, Bispo Emérito de Setúbal, admirador e devoto confesso de D. António Barroso. Tencionava presidir à homenagem de 4 de Novembro de 2017, em Barcelos. Faleceu em 24 de Setembro. Gratidão e flores para o **Prof. Doutor Manuel da Silva Costa**, Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Amigos de D. António Barroso. Realizou duas conferências notáveis sobre a obra do Venerável D. António. Gratidão e flores para o **Senhor António Araújo São Bento**, industrial, colaborador da Associação dos Amigos de D. António Barroso. Promoveu uma homenagem de artesãos de Barcelos ao Bispo Venerável, em 2014. Os trabalhos, de que demos conhecimento no Boletim n.º 11, reverteram a favor do Centro Social de Remelhe.

Visitas à Capela-Jazigo. De 1 de Novembro de 2017 a 28 de Fevereiro de 2018, registaram o nome ou pediram graças no Livro de Visitantes, 151 indivíduos, sendo a maioria do concelho de Barcelos, mas também de V.N. de Famalicão, Vila do Conde e S. João da Madeira. Nestes quatro meses, não há registo de alguém do Porto que tenha visitado o Venerável Bispo do Porto. **Goretti Loureiro**

AVISO!

NOVA MORADA DO BOLETIM: RUA DE LUANDA, N.º 480 3.ºESQ. / 2775-369 CARCAVELOS

A conta do «Grupo de Amigos de D. António Barroso», na Caixa Geral de Depósitos, Oeiras, para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim, mantém-se:

NIB: 003505420001108153073. IBAN: PT50003505420001108153073. BIC: CGDIPTPL